

# Da Antropocibernética ao Cybercérebro: a resistência poética em atos de cyberpoder

Por Edson Gonçalves Filho



**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo compreender e discutir a expressão informacional na era da arte antropocibernética planetária. Intento este que requer uma descrição arqueológica das forças da tecnologia moderna radicada no habitat terrestre, pois o termo técnica, technne, polariza-se na idéia binária da manipulação do aparato frente a natureza vivaz. Neste momento de rupturas epistemolares e ontológicas, a dita humanidade civilizada ganhará um novo aparato cognitivo, na sua forma macrofísica de Ser, talvez um logos dominante que se expande de forma viral. As máquina cibernéticas dominando o mundo, guiadas pelos cybercérebros que funcionam sob a égide das propriedades físicas e metafísicas que as compõe. Diante disso, surgem alguns questionamentos a respeito da resistência poética e dos seus atos de contra-poder, e de interdisciplinaridade frente à existência do não-vivo. Para tanto, um questionamento deve ser feito: as inovações tecno-científicas estão contribuindo para criar vidas ou para a extinção da espécie? Para concluir o trabalho, farei uma demonstração prática de arte-poesia-visual com um recital poético, denominado de: “Outros olhos sobre o mundo”.

## I

De expressão de todas as minhas sensações,  
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas! Em febre e olhando os motores  
como a uma Natureza tropical -  
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força -  
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,  
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro  
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas  
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,  
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,  
Átomos que não-de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do século cem,  
Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,  
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,  
Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo numa só carícia à alma. Ah, poder exprimir-  
me todo como um motor se exprime!  
Ser completo como uma máquina!

- Álvaro de Campos, Ode Triunfal.

A modernidade vai tirar o corpo de sua dinâmica orgânica e aurática, inserindo-o em um regime de superexcitação fisiológica, política e histórica dos corpos na era da ‘reprodutibilidade técnica da obra de arte’. Tal como pensara Walter Benjamin<sup>1</sup>. O corpo se vê enredado por energias produtivas que os utilizam para fins que não os dele próprio: são os claustros da cidade operária que impõe seus tentáculos no habitat terrestre, enquanto *ethos*<sup>2</sup> de saber-poder dominante. Uma norma pedagógica reguladora posta em ação, sob o comando de práticas discursivas ligadas a um conjunto complexo de modificações políticas judiciais e diretivas, onde o confinamento abrandava os gestos corpóreos e os instintos passíveis de serem domesticados, vão compor o efeito de uma física política totalitária na sua forma de Ser. Aplicação Teorética do expansionismo da Máquina-civilização ocidental sobre o planeta.

---

<sup>1</sup> Na concepção de Walter Benjamin, “O conceito de aura permite resumi essas características: o que se atrofia na era da reprodutibilidade técnica da obra de arte é sua aura. Esse processo é sintomático, e sua significação vai muito além da esfera da arte. Generalizando, podemos dizer que a técnica da reprodução destaca do domínio da tradição o objeto reproduzido. Na medida em que ela multiplica a reprodução, substituiu a existência única da obra por uma existência serial”. Walter Benjamin, 1985, p. 168.

<sup>2</sup> “Ethos significa morada, lugar da habitação. A palavra nomeia o âmbito aberto onde o homem habita (**poeticamente**). O aberto de sua morada torna manifesto aquilo que vem ao encontro da essência do homem e assim, aproximando-se, demora-se em sua proximidade. (...) Isto é, segundo a palavra de Heráclito, o *daímon*, o Deus. A sentença diz: o homem habita, na medida em que é homem, na proximidade de Deus”. Heidegger, Sobre o ‘humanismo’, 1973, p.368. (Os Pensadores).

Portanto, uma nova ótica de vigilância generalizada e constante se alastra feito peste cinza; que traduz uma nova fisiologia moral que exclui e rejeita aquilo que não tem serventia para si, de modo ambíguo, terapêutico e punitivo; uma nova física e uma mecânica de poder-saber que isola e reagrupa os corpos nos espaços de produções, extraindo-lhes o máximo de suas forças para gerir o aparato tecnocrata moderno-contemporâneo; enfim, a sedimentação de uma máquina panóptica que se instala sobre *Kósmos*.<sup>3</sup>

Uma malha fina, moral e política impõe aos instintos de condutas uma domesticação disciplinar que lembra o que Nietzsche<sup>4</sup> chama de “artefato” moral, o que em outras palavras, pode ser entendido como docilização dos corpos e sendo assim designado de “verdades” ditas universais, baseadas numa espécie de ‘psicologia do erro’. De fato, é impossível pensar um processo civilizatório sem levarmos em consideração longos processos de autocontrole das emoções, regimes de mapeamento dos sentimentos, perversões sexuais e assexuais, definições racionais da normalidade e anormalidade civil-militar e dos modelos de auto-disciplina. Esse trajeto civilizador faz parte do declínio das extintas cosmologias e da corrupção dos valores dos povos de Culturas antigas. Uma passagem que vai da constituição moral à biopolítica: “Das velhas e novas tábuas”. Uma espécie de autocontradição fisiológica promovida pela história universal que marca a era da sociedade moderna, com seus agenciamentos disciplinares; mobilizando energias vitais oriundas da Terra como energias banalizadas de retro-alimentação urbana, comuns, concretas e abstratas de vidas antropotécnicizadas. Transformações que abrangem os complexos culturais, trabalhistas, econômicos, energéticos, políticos e territoriais do planeta como um todo.<sup>5</sup>

Tal aparelho técnico-científico de poder-saber aparece enquanto circuitos elétricos de energias artificiais manipuláveis, onde a ciência moderna inventa e impõe novas linguagens e cria indústrias que vão dominar a natureza, manipulando homens, plantas, florestas, animais e

---

<sup>3</sup> Para Michel Foucault “trata-se de uma tecnologia em que o corpo é individualizado como organismo dotado de capacidades e, no outro, de uma tecnologia em que os corpos são recolocados nos processos biológicos de conjunto.” Ver Michel Foucault em “Articulação da disciplina e da regulamentação: a cidade operária, a sexualidade, a norma. – Biopoder e racismo”. In: *Em defesa da sociedade*, 1999, p.297.

<sup>4</sup> “Em toda parte paralisia, cansaço, entorpecimento ou inimizade e caos: uns e outros saltando os olhos, tanto mais ascedemos nas formas de organização. O todo já não vive absolutamente: é justaposto, calculado, postição, um artefato”. Ver Nietzsche em “O caso Wagner: um problema para músicos / Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo”, 1999, p.23.

<sup>5</sup> Marx escreve acerca da maquinaria e da indústria moderna para nos dizer que “a indústria moderna teve então de apoderar-se de seu instrumento característico de produção, a própria máquina, e de produzir máquinas com máquinas. Só assim criou ela sua base técnica adequada e ergueu-se sobre seus próprios pés. Com a produção mecanizada crescente das primeiras décadas do século XIX, apoderou-se a maquinaria progressivamente da fabricação das máquinas-ferramenta.” Ver Marx em “A maquinaria e a industria moderna”. In: *O Capital*, 1996, 438.

linguagens arcaicas. Acerca disto, Heidegger nos diz que “*a decomposição da linguagem, atualmente tão falada e isto bastante tarde, não é, contudo, a razão, mas já uma conseqüência do fato de que a linguagem, sob o domínio da metafísica moderna, se extravia, quase invencivelmente de seu elemento. A linguagem recusa-nos ainda sua essência: isto é, que ela é a casa da verdade do ser.*”<sup>6</sup> Será que neste contexto o *ethos* terrestre perde a sua identidade originária? Será que ainda os pensadores e os poetas são os guardiões desta habitação divina?

## II

*“O fim da filosofia revela-se como triunfo do equipamento controlável de um mundo técnico-científico e da ordem social que lhe corresponde. Fim da filosofia quer dizer: começo da civilização mundial fundada no pensamento ocidental-europeu.”*

*“Talvez exista um pensamento mais sóbrio do que a corrida desenfreada da racionalização e o prestígio da cibernética que tudo arrasta consigo. Justamente esta doída disparada é extremamente irracional.”*

*- Heidegger, O Fim da Filosofia, p.p.271, 279. (Os Pensadores)*

Da Terra para o asfalto, do artesanato para a produção serial automática fabril, da linguagem corpo a corpo para a linguagem virtual transmitida por corpos antropocibernéticos.<sup>7</sup> Uma nova espécie de ideal técnico-científico e racional se expande e se impõe, fabricado nos laboratórios da civilização contemporânea; isto é, em vez de ser um produto produzido por culturas vivas, o artefato é um produto morto ou vivo? Um verdadeiro mutante *mutantis*, seria mais especificamente, o pós-humano do humano?

Foi no período da segunda guerra mundial que as teorias das mensagens virtuais tiveram êxito. Um complexo estudo posto a dirigir a maquinaria e a sociedade através do desenvolvimento de máquinas computacionais, caracterizando a era da cibernética no planeta. Estudos acerca do controle e da comunicação são compreendidos sob a relação direta entre os homens e as máquinas, fazendo artefatos com artefato, produzindo calor e entropia generalizada.

---

<sup>6</sup> “Sobre o ‘Humanismo’”, Os pensadores, 1973, p.350.

<sup>7</sup> Para Lucia Santaella, “esses trânsitos, na verdade, tornam-se tão fluidos que não se interrompem dentro da esfera específica dos meios de massa, mas avançam pelas camadas culturais outrora chamadas de eruditas e populares”. Ver Santaella em “As transformações da cultura do século XX”. In: *Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibernética*. São Paulo: Paulus, 2003, p.52.

Com o processo do desenvolvimento econômico comercial, urbano-industrial, político governamental no ocidente central, observou-se uma mudança drástica em curso de expansão, dominação e sobrecodificação de existências que viriam a compor uma realidade até então desconhecida. Portanto, “*o caráter específico desta cientificidade é de natureza cibernética, quer dizer técnica. Provavelmente desaparecerá a necessidade de questionar a técnica moderna, na mesma medida em que mais decisivamente a técnica marcar e orientar todas as manifestações no planeta e o posto que o homem nele ocupa*”.<sup>8</sup>

Podemos observar algumas características que se fundamentam na construção arquitetônica destas ambiências hostis ao movimento cosmológico que outrora dava sentido à natureza mesma. A mutação do fluxo de velocidade entrará num *dever* que prima pelas maquinarias abstratas de disciplina e controle, que primeiramente fora exteriores aos corpos vivazes, levados à renúncia desmedida de seus instintos terrestres, e agidos por uma moral cibernética massificada pela violência moralizante na sua composição macrofísica, e sendo assim, símbolo máximo de uma sociedade desnaturada que fundamenta sua existência teleológica baseada na configuração da lei do por vir dito racional enquanto norma de regulamentação do tempo e do espaço. Mas após a revolução de tais aparelhos visuais de controle, publicitários, nanotecnológicos, biotecnológicos, pós-midiáticos, enfim, foi quando o *homo-biocibernético*<sup>9</sup> começou a re-pensar os usos e utilidades em relação a sua própria constituição bio-social.

A mais nova tecnologia particular de governo sobre os vivos se instala na pós-modernidade. Para Paul Virilio, isso representa “*uma realidade metageofísica que une estreitamente os telecontinentes, de uma realidade virtual que se apodera do essencial da atividade econômica das nações e, ao contrario, desintegra culturas situadas de forma precisa no espaço da física do globo.*”<sup>10</sup> Diríamos que na medida em que o processo civilizador se expande sobre a terra, mudança no cenário societal mundano se torna cada vez mais nítido, principalmente com o advento da arte antropocibernética posta em andamento na era contemporânea. Ficção ou realidade?

Inúmeros são os casos que abrangem o complexo político deste modo de vida cyberurbano. As mídias contemporâneas tais como a fotografia, o cinema, a televisão, o rádio, a infografia em geral, vieram transformar nossas interações com o tempo e o espaço, abolindo

---

<sup>8</sup> Heidegger, “O fim da Filosofia”, 1973, p.271.

<sup>9</sup> Para maiores esclarecimentos ver o estudo de Santaella em “As Artes do Corpo Biocibernético”. In: *Cultura e Artes do pós-humano*, 2003, pp.271-299.

<sup>10</sup> Virilio, “A Bomba Informática”, 1999, p.17.

relações outrora comuns entre pessoas e descartando a presença do aqui e agora. A propagação de um virtualismo antropocibernético fundamentado na rede da WEB.<sup>11</sup>

Com advento da arte antropocibernética na era do pós-guerra, inaugura-se com isso os novos sistemas de mensagens informacionais geridos através dos estudos das linguagens imagéticas, prótese corpóreas, informações teleguiadas e disponíveis na rede como meio eficaz de controlar a maquinaria social sob a égide dos computadores e outros autômatos afins. O desenvolvimento das maquiuetas cybers se intensificou demasiadamente, partindo de reflexões de âmbitos psicológicos, etnológicos, biológicos, estatísticos, conjecturais e científicos, enfim, problemas sócio-políticos no seio da sociedade globalizada. Uma nova espécie governo de todos e de ninguém, isto é, de uma cyber-ciência política que sai da disciplina antropotécnica para adentrar no controle do universo antropocibernético de controle molecular. Para Nobert Wiener, isso representa um complexo sistemático em que *“as ordens de comando por via das quais exercemos controle sobre nosso meio ambiente são uma espécie de informação que lhe transmitimos. Como qualquer outra espécie de informação, essas ordens estão sujeitas a desorganização em trânsito.”*<sup>12</sup>

## II

*“Tudo se põe ao serviço da barbárie que vem, a arte actual e a ciência actual não são exceções. O homem cultivado é degenerado ao ponto de se ter tornado no pior inimigo da cultura, porque que negar a doença geral e é um obstáculo para os médicos. Eles encolerizam-se, os pobres tipos enfraquecidos, quando se fala das suas fraquezas e quando se combate o seu perigoso espírito mentiroso”.*<sup>13</sup>

Posso dizer que o *cybercérebro* funciona sob o comando da informação computacional coordenado por meio do cérebro fisiológico vivo através de processos e de armazenamentos de linguagens, imagens, programas, colação de artefatos sobre e dentro do corpo e seleção dos órgãos motores que agem no mundo exterior e conseqüentemente reagindo sobre o nosso sistema nervoso central, sendo acessado por via dos órgãos receptores internos e externos, isto

---

<sup>11</sup> Para Lucia Santaella, “duas pelo menos, são as conseqüências mais flagrantes da cibercultura, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva. As primeiras se referem às novas espécies de comunidades que estão frutificando tanto nas redes nas quais fervilham os intercâmbios de mensagens e documentos em linguagem eletrônica híbrida, quando nos exames dos sem fio (...)” Ver Santaella, 2003, p.105.

<sup>12</sup> Wiener, 1950, p.17.

<sup>13</sup> Deleuze em “O Filósofo Intempestivo”. In: *Guilles Deleuze, Nietzsche*, Lisboa/Portugal: Edições 70, 2007, p.54.

é, os órgãos terminais cinestésicos que se fundem com as informações já processadas na cybermáquina do futuro?

A sublimação do progresso pós-moderno<sup>14</sup> pôde transformar as relações humanas em meros instrumentos de dominação e de lazer alienado, adornando a *cybercidade* com um novo colorido tecnológico arquitetural. Artefatos de guerra que primeiramente foram utilizados por castas militares, e logo depois disseminados entre os civis enquanto ferramenta produtiva de trabalho, consumo e lazer. O comportamento cognitivo moldado pelas redes de dominação e controle faz do corpo vivo e potencialmente criativo, um corpo morto e autodestrutivo em âmbitos molares de confinamento; zonas entrópicas de turbulência entram em vigor como forma de fuga, espécies de masoquismos capazes de mutilar corpos em devires de destruição e coisificação do próprio aparato reprodutor.

A simbiose do homem com as variabilidades de maquinarias cibernéticas existentes suplantou a necessidade de criação da vida na terra. Velocidade e entropia. Símbolo máximo do nazismo. Essa interface mudou a fisiologia dos seres e das coisas que lhes circundam. Palavras e coisas se dissociam e se recombina sob o parâmetro fotossintético de técnicas de engenharia militar. A memória não é mais viva e sim antropocibernética. Imagens que simbolizam a natureza, frias por sinal, sintéticas e moleculares, que, idealizam o mundo através da linguagem artificial, próteses semióticas que têm uma variabilidade de ângulos de combate, declínio e ascensão.<sup>15</sup>

A entropia ritmada pela fumaça que sai das fábricas, do grunhido dos motores dos automóveis, produzindo zonas de calor e envenenamento, das avenidas comerciais cheias de gente e máscaras desconexas, dos noticiários televisivos que se proliferam na multidão desgarrada; o culto pela novidade, o exotismo tribal nas vitrines das lojas ultra-modernizadas, o medo do terror que se alastra e o orgasmo caótico das artes-designers, fotografias digitais, etc, são frutos do mundo pós-moderno.<sup>16</sup> Os seres entram numa espécie de jogos

---

<sup>14</sup> Para maiores informações ver o estudo desenvolvido por Steven Connor acerca da “Cultura Pós-Moderna: introdução às teorias do contemporâneo”. Edições Loyola, São Paulo, 1993.

<sup>15</sup> “O signo da velocidade é o mais importante índice de compreensão da sociedade pós-industrial. No universo em que vivemos, a velocidade não seria fruto apenas dos automóveis que aceleram o ‘dromos’ grego ou do avião que adiantaria o ‘passo’ do hoje lento carro; mas é a velocidade das instâncias imagens televisivas a grande ‘vedete’ dromológica da contemporaneidade.” Ver Jorge Vasconcelos em “Subjetividade & Velocidade, Deleuze e Virilio e o tempo presente”. In: *Ensaio sobre Bérqson, Deleuze e Virilio*, 2005, p.112.

<sup>16</sup> Para Soraya Guimarães esta tal pós-modernidade nos pode oferecer “uma nova via para se lidar com a morte no impessoal. A simulação da morte nos jogos eletrônicos, a difusão da mortandade em massa e os artifícios do terror – tão impactantes, quanto efêmeros – são manifestações da fuga em tempos atuais. Quanto maior a catástrofe anunciada, menor a singularidade do findar parece possível. O fantástico da morte anunciado na informação pública cobre o não-ser como um fato corriqueiro. Ver Soraya Guimarães em “Finitude e Tecnologia”. In: *Pressupostos Ontológicos para se pensar a nova tecnologia: técnica, informação e ser e tempo*,

eletroeletrônicos impessoais, labirintos perigosos, que, aliás, pode significar a destruição do significado da morada do Ser, ou seja, do seu habitat terrestre originário. Segundo Lévi-Strauss,

*“Tanto assim que a civilização, tomada em conjunto, pode ser descrita como um mecanismo fantasticamente complexo no qual ficaríamos tentados a enxergar a oportunidade que nosso universo tem de sobreviver, se sua função não fosse fabricar aquilo que os físicos chamam de entropia, quer dizer, inércia. Cada palavra trocada, cada linha impressa estabelecem uma comunicação entre os dois interlocutores, tornando estacionário um nível que antes se caracterizava por uma defasagem de informação, portanto, por uma organização maior. Mais do que antropologia, teria que se escrever ‘entropologia’, nome de uma disciplina dedicada a estudar em suas mais elevadas manifestações esse processo de desintegração”.*<sup>17</sup>

A dita cultura pós-moderna emerge seus tentáculos primeiramente nos centros comerciais e urbanos dos países da Europa central, logo após se espalhando pelo globo terrestre, onde a proliferação massiva das mercadorias informacionais é um dos alvos principais do consumo; um rebanho cyber-óptico satisfaz os efeitos de um sadismo societal em expansão; a fabricação do mundo que antecedeu as guerras militares e civis, pois, estas são apenas sínteses futuristas de reformas e ajustamentos dos corpos improdutivos arruinados nesse campo de batalha. A biopolítica cibernética da espécie humana entra em questão na era atual. Um jogo de ambigüidades múltiplas, luta pela existência dentro de um mundo regido por valores de uma biocracia virtual. Para tanto, a resistência poética em atos de cyberpoder faz parte desta luta pela Vida dentro do contexto atual. Utilizasse dos meios como forma de combate, o bom combate, que tem o poder de reconstituir o corpo dentro desta mesma sociedade, primando pelo questionamento e a reflexividade, pela amizade e pela criação do pensamento não-pensado. Segundo Michel Foucault tratar-se-á *“de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a estância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns.”*<sup>18</sup>

Bomba informática, bomba demográfica, bomba atômica, bomba cibernética, bomba genética... nuclear enfim. Qual será a próxima novidade?

---

Natal, 2006, p.92.

<sup>17</sup> Ver Claude Lévi-Strauss, “Tristes Trópicos”, 1996, p.391.

<sup>18</sup> Michel Foucault em “Genealogia e Poder”. In: *Microfísica do Poder*, 1979, p.171.

Estamos cientes que a coalizão colonizadora e neo-colonizadora que se deu no dito “novo mundo”, foi o resultado sistemático de pilhagens, massacres e extermínio das culturas autóctones Latino Americanas<sup>19</sup>, não somente, fato este que possibilitou posteriormente um domínio civilizatório unívoco, condição primeira que já sinalizava o sentido dos vetores de uma cultura viva em degeneração, que fez emergir a potência de uma *cybercidade* em curso planetário em meados do século XX, enquanto uma força *mundi*<sup>20</sup>. O seu vigor expansivo entrópico necessitou do suor, da força, do sangue, da carne e da vida dos povos no habitat terrestre para torna-se visível e funcional a sua saga. Agora imbricados nas engrenagens sistemáticas de controle racional, enquadramentos mantidos em funcionamento pela têmpera de fé nas máquinas antropocibernéticas de poder-saber diluídas nos inúmeros cultos divinizados pós-reconfiguração habitacionais, pós-morte de Deus -, pós, pós... enfim, o neo-futurismo do século XXI. Eis aqui um novo homem que surge no planeta<sup>21</sup> - o homo antropocibernético.

Mesmo diante de toda esta parafernália produzida pela maquinaria antropocibernética na pós-modernidade, o homem atual ainda tem inúmeras possibilidades de criar coisas diante do não-vivo, do inominável, tais como: poesias, obras de artes com material reciclável, pintar o rosto, ser criança e palhaço, pintor, travesti, amar a vida e também ator de performances poéticas, e dentre outros eventos. Enquanto existir o corpo vivo, a arte encontra o seu espaço de criação, sua autopoiesis afirmativa e micropolítica. Terminarei estas palavras com um poema de Alberto Caeiro.

### **Há Poetas que são Artistas**

E há poetas que são artistas  
E trabalham nos seus versos  
Como um carpinteiro nas tábuas!...

---

<sup>19</sup>Segundo Michel Foucault, “o racismo vai se desenvolver primo com a colonização, ou seja, com o genocídio colonizador. Quando for preciso matar pessoas, matar populações, matar civilizações, como se poderá fazê-lo, se se funcionar no modo do biopoder? Através dos temas do evolucionismo, mediante um racismo”. Foucault, p.307.

<sup>20</sup>Ver Michel Hardt e Antonio Negri em a “Ordem Mundial”. In: “Império”, Rio de Janeiro: Ed. Record, 2005, p. 21 – 39.

<sup>21</sup> Sobre o assunto acima citado, ver Lucia Santeella em “Das técnicas às tecnologias”. In: *Culturas e Artes do Pós-Humano: Da cultura das mídias à Cibercultura*, São Paulo: Ed. Paulus, 2003, p. 21 – 39.

Que triste não saber florir!  
Ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói um muro  
E ver se está bem, e tirar se não está!...  
Quando a única casa artística é a Terra toda  
Que varia e está sempre bem e é sempre a mesma.

Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem respira,  
E olho para as flores e sorrio...  
Não sei se elas me compreendem  
Nem sei eu as compreendo a elas,  
Mas sei que a verdade está nelas e em mim  
E na nossa comum divindade  
De nos deixarmos ir e viver pela Terra  
E levar ao solo pelas Estações contentes  
E deixar que o vento cante para adormecermos  
E não termos sonhos no nosso sono.